

O EXEMPLO

JORNAL DO POVO

Director: Baptista Junior

Sociedade anonyma



Gerente: João B. de Figueiredo

ANNO III

PORTO ALEGRE, 12 DE DEZEMBRO DE 1918 - RIO GRANDE DO SUL - BRAZIL

NUM. 47

Palestra feminina

CAUSAS JUSTAS

Considerando ganha a causa justa e digna da nossa mocidade academica e certa de que ninguém osará oppor-se ás medidas necessarias que ora vota o Congresso, aconselho ás mães que separam os seus animos tão tremendamente perturbados no crise terrivel que soffreram e nos estudantes que esperem sem enervação a hora da victoria, que brevemente soará. A odiozidade e a maldição que retilão sobre aquelles que intentaram erguer uma voz dissonante no cõro unisono que requeir do novo governo uma decisão, que se trapõe como um commando de ordem divina, seculo profundas e inclementes. Tão segura estou, de que vencemos nesta campanha iniciada em prol da juventude que esta la, juventude que tanto soffreu e fez soffrer durante esses dias em que o fellello acoutou nos a todos, que passo hoje a occupar-me de um outro assumpto que tambem muito commove a minha fibra feminina e portanto sensivel e generosa.

Refiro-me á questão do operariado, classe por nós tão maltratada e malentendida a quanto explorada, pela sua fraqueza e desprezo, por todos aquelles que lhes estão acima pelo poder, pelo capital, pela maldade, pela falta de escrúpulos e até pelo crime. O trabalho era desprezado nas sociedades antigas, mas nas modernas, elle deve ser respeitado, considerado e acatado, porque é um acto humano que produz valores. Aristoteles e Platão consideravam no liberto e Cicero igualava, no seu intimo, um barbaro a um operario.

Entretanto, nos nossos tempos, na época em que estamos, ainda ha microbios dessas opiniões crimiinosas e dalli provem a indiferença e o menosprezo que nos merecê a classe operaria, quando, afinal, é do seu trabalho que surgem as riquezas publicas e privadas, os aperfeiçoamentos e as invenções.

Nada tem o operario que vêr com o anarchista, que, á espreita sempre do irritação e da demencia que produzem ás immensas desgraças, sacrificam por violencias torpes e negros crimes, aquelles que elle quer defender. O governo cumpriu um ditelto pondo fim a essa reacção tão inutil quanto nefasta, mas, punindo essa falta, resta-lhe o dever inadiavel e a responsabilidade immediata de cuidar e proteger os que ella entendeu dever castigar.

O dr. Lauro Muller, unica voz justa, nesse hymno de congratulações incongruentes ou um pouco apressadas, do Senado ao governo, disse o que se devia dizer nessa occasião:

«Penso, sr. presidente, que devemos colaborar com o poder executivo, dando-lhe todas as medidas que porventura sejam necessarias, mas penso tambem que a nossa colaboração deve ir mais longe si, «infelizmente», se torna necessaria, nesse momento, a acção policial para a

repressão de factos tão lamentaveis e tão condemnaveis, é indispensavel que não nos estejamos apenas em medidas meramente de caracter social. É preciso organizar a sociedade, de modo que o trabalho, que todas as forças vivas da nação, tenham dentro della uma situação que o tempo reclama e que a educação republicana requer».

Mais ainda falou o illustre senador catharinense, accusando o atrazo da nossa legislação social, legislação que não garante os direitos da sociedade, nem dos pobres, nem dos pobres operarios considerados como meroz animaes de carga, simples instrumentos de trabalho, capital que deve produzir o triplo do seu valor.

O Senado não gostou das palavras cheias de verdade do sr. Lauro Muller e coeprime não bem esse desgosto. A época é de regosio, de lisonjas, de encontros ao novo governo. Ao caloi do sol que se ergue, as ambições, as vaidades, as ambições pelo poder, despertam como brotejas ao calor do sol do verão. Os operarios foram punidos, pararam ao governo. Que elles soffram, lutem e morram explorados, humilhados, sem leis que os defendam, sem um codigo de trabalho justo e meditado, sem uma protecção, sem um apoio, isso nos é indifferente e não nos importa. O pobre, o necessitado nunca tem razão. O seu objectivo na vida deve ser unicamente trabalhar para aquelle que tem o dinheiro e o seu fim: a tuberculose, o hospital, quando não, a cadeia. Os seus divertimentos consistem em procurar diariamente o pão para não deixar morrer completamente de fome a sua familia e os seus direitos, nenhuns.

Mas que tem o governo com isso? Si elles se queixam, policia, cavalladas, tiros, xadrez. Quer se trabalho, trabalho, mas cuidado, sem murmúrios, sem reclamações, sem reacções. O operario nasceu, criou-se e se fez homem para trabalhar, só para trabalhar assim como o boi para puxar a charreta e o cão para guardar a casa. Já encontramos algum dia um boi ou um cão que reclamasse contra a sua sorte? Por que não faz o mesmo o operario? Isso de querer leis, horas de trabalho razoaveis e justas, garantias que impicam a sua exploração, que protejam a sua velhice, que impicam a tística nos seus lares e a sua morte prematura, burlas, sonhos, paradoxos, immoralidades.

O governo nunca cogitou nem nunca cogitará disso. Punir, castigar, preferir é com elle; mas proteger, defender, garantir, são iddas muito longo do seu pensamento, occupado simplesmente na politica mesquinha e insensata que eleva alguns homens, em detrimento de outros.

Entretanto, o senador catharinense com a voz calma e pausada que tão clara e estranhamente sou naquella sala do Senado, impregnada de tal do entusiasmo irritante e incomprehensivel do homens sérios, que, em vez de correrem a vo-

luntar moções calorosas ao gover-

NA IGREJA

De joelhos, ante o altar a virgã, reza, contrita em doce enlevo, mergulhada; e emquanto ella resava apaixonada, em extase a minh'alma contemplava.

«Era tão linda, e tão divina, estava na creença ideal da prece alvorenada, que em, vez de adorar a doce e amada Virgem Santíssima, a ella que adorava!»

En resava tambem, com a alma contrita, com os meus olhos nos céos dos olhos d'ella, onde hoje o Deus da minha creença habita!

«E dizem que pequei! Ah! que loucura! Se ella é tão pura como a Virgem bella, se ella é tão bella como a Virgem pura!»

Boyd's de Barros.

no, por actos que elle faz desgracadamente obrigado a commetter, deviam occupar-se primeiro dos motivos, das causas de uma reacção tão violenta como Inteliz e praticar impedida para o futuro, remedando as desgraças tremendas e iniquas que desolam essa classe que, fatigada, horrosada e desmentada de tanto padecer, tentou soltar o grito de misericórdia. Torna-se urgente que esse grito seja atendido já, enquanto ainda se pôde salvar da tuberculosa, da fome e da morte milhares de creaturas desprotegidas e ameaçadas.

Devemos por lealdade e justiça separar o cruel e hediondo anarchismo, que só semeia a morte em torao do si, do nosso operariado infeliz, indefeso e explorado. Não procuremos desculpas para o abandono criminoso em que temos deixado essa classe trabalhadora e soffredora, procurando unil-a ao bando negro dos anarchistas, porque tanto a primeira nos merece respeito e justiça, tanto a segundo atrahê o nosso desgosto e nosso horror.

Para evitar essa colligação de um elemento sã e honrado com um outro torpe e sinistro, urge que o governo, esquecendo um pouco as glorias desse poder terrestre, poder de curta duração, mas que o obriga a responsabilidades de que Deus lhe pedirá contas, volte os olhos e a attenção para esse numeroso exercito de obreiros que trabalha sem cessar mal o sol ameaça despontar até que elle se esconde.

Sei que se elabora na Camera dos Deputados um codigo de trabalho ditado por industrias interessadas, que condemna o operario a dez (!) horas de trabalho, num paiz como o nosso de clima variavel no extremo, do pessoal fraco, de constantes molestias, de organismos debilitados.

Nas cadeias da Belgica, os condemnados por crimes graves obtiveram onze horas de trabalho por dia e são... criminosos.

A differença de tempo de trabalho é pois insignificante entre os operarios brasileiros e os galês belgas e, vejo que a opinião dos nossos industrias é

mesmo um pouco pior que a do velho Cicero.

Mas o governo que não se illuda: protego o operariado e garantido, elle terá prestado o mais relevante serviço á sociedade, pois que protego o ser a proteger e garantir a propria sociedade.

«Espero que o novo presidente não se assemelhe nesse ponto ao seu antecessor, que nunca cogitou de si grave questão, e que elle limite os dias, qui se vivam! ne se ressemblent jamais!»

CHRYSANTHÈME.

Peste... alemã?

Cesar Cantu, em sua *Historia Universal*, vol. 15º, pagina 458, assim attribue aos allemães uma epidemia de peste na Italia, em 1630:

«Os terriveis bandos allemães receberam ordem de interromperem as devastações no solo germanico, para se lançarem sobre um paiz novo e intacto: a Italia. Eram as fezes da soldadesca aventureira, que se vivia de roubo que não conhecia patria e cujo unico sentimento era a avidez de presa: lutheranos quasi todos, o prazer de maltratar catholicos estimulava-lhes a ferocidade. Capitaneados por d'Altingen, de Furstenberg, de Gallas, de Baldironi e outros chefes, cujos nomes a desgraçada Alemanha não podia ouvir pronunciar sem estremecer, desceram a Lombardia, pela Valembia, semeando pavor por toda a parte, cercaram Mantua e, apesar de terem a certeza de que a praça poucos dias podia resistir, os generaes quizeram tomar-a de assalto para a melhorarem a saque (18 julho 1630.) Os allemães fizeram em Mantua tudo quanto se pôde imaginar de mais terrivel e monstruoso.

O estrago foi avallado numa quantia enorme, afóra a perda das preciosas antiguidades, afóra o que não tem preço: as violencias e as profanações.

Ainda não era bastante: aquellã soldadesca repellente deixou no seu tracto a PESTE, que sempre existia em germanos exercitos.

Nas estradas por onde ella tinha passado encontravam-se cadaveres de madonho aspecto; depois, descorrida pela imprevidencia e pela incredulidade, a epidemia desenvolveu-se e propagou-se com uma violencia terrivel.

Em Turim, morreram 11.000 habitantes; em Genova, 75.000; em Venezia, 50.000 e em Milão, 100.000.

Calcula-se que morreu um terço da população italiana, dos a peste.

E agora, a influencia espanhola? Vem dos allemães?...

RIO HOTEL

Da direcção deste moderno hotel situado num ponto central da capital da Republica, recebemos um annuncio no qual podemos apreciar os condicões de hygiene e conforto de que está aparelhado esse grande estabelecimento que se inaugurará no dia 1º de Janeiro, p. v. A construção do edificio é de cimento armado, com seis andares servidos por dois elevadores «ideal», batidos pelo processo da lundição antiga.

Todos os quartos estão providos de agua corrente, telephone, ventiladores e camas elasticas com colchões ventilados, havendo compartimentos destinados a banhos de imersão e chuva.

O mobiliario em geral é de estylo inglez e as decorações e tapearias obedecem ao que ha de mais moderno.

Os serviços culinarios são a *Grand Room* é sob o mais rigoroso associo alem d'isso o «Rio Hotel» dispõe de outros recursos que o tornam capaz de satisfazer ao hospede mais commodista.

A direcção do Rio-Hotel agradece-nos a remessa do annuncio e do postal com a photographia do seu estabelecimento.

A abolição do luto

Deu a «Epoca», do Rio, a seguinte nota mundana:

«Insistimos no assumpto constante de nossa nota de honra.

É necessario que acabemos, aos poucos, com certos habitos, verdadeiros preconceitos, que além de nenhuma significação contemem, são pouco praticos e muitas vezes nada hygienicos. O luto.

Será por acaso prova de sentimento profundo e sincero estar um cavalheiro absurdamente vestido de preto, desde as meias até o chapéo?...

Em muitos casos, essa é apenas ridicula, porque, em trajes, muito se entregam a divertimentos publicos, a prazeres mundanos.

Portanto, com muito mais discreção e logica, o simples crepe no braço ou no chapéo substitue o «todo de negro».

Tudo evolue, tudo acompanha o espirito, pratico do seculo.

Assim, tal tradição, muitas

vezes simples hypocrisia, deve cessar.»

RELAMPAGO

Mal acolheirão o cõo de ninhos aterosos, a borrasca estalou.

Primeiro, houve uma crepitação surda percorrendo as grossas massas de nuvens como pora avistado da proxima pejeja.

Ainda não havia as forças altas se concentravam na obscuridade.

Depois, uma inesperada descarga detonou no ponto repercutindo de serro em serro até se extinguir na distancia apartada...

Era o signal da fragorosa luta.

Os aguaceiros de penharam com a violencia asprada por um vento de fustigação renitente.

As arvores lançam os arrebatados pelo resfolejar do pampo.

Mil rufinos surdidos de todos os lados numa confusão de grandeza atordante.

A construção de ramos, tamborlão de chuva, lamentações do inconsciente e, por cima, a voz do trovão como um boix profundo acompanhando a orchestra...

Nisto, abriu se um vivo clarão illuminando a mata.

Fez «pignas o zig-zague» da phosphorecência e logo na treza desapareceu.

A tempestade morria estafada pelo proprio estorço da destruição.

Desvencida no ar a sua colera de instantes, a unica impressão duradoura que me ficou realmente, foi a daquelle relampago tão forte e tão rapido sumido no abismo das amplidões sideraes.

«Assim o teu amor.

Viveu somente o tempo necessario ao deslumbramento da alegria que embriaga mas foge tranqueiramente deixando a alma o traxo de uma saudade a chorar sobre o tumulo do sonho transformado em ruínas...»

Viviani de Carvalho

PALCOS E TELAS

COLISEU

Com o successo de sua estreia continua a dar concorreiros espectaculos a *Trupe* Maria Lina que ora actua neste confortavel cine-theatro.

Durante a semana foram levadas á scena varias *premières* e consequentes *répétices* com applauso geral.

Para hoje annuncia a companhia nacional Maria Lina dois attrahentes espectaculos para a *matinée* e *soirée*.

APOLLO

Neste espaço e bem ventilado cine as grandes chelas continuam com a habitualidade costumada.

Segunda-feira fizeram o sea festival artistico os excellentes duettistas patrios «Os Geraldos», com um programma variado e a capricho tendo, em todos os numeros apresentados,

BEBAM

Negrita e Elephante

Bopp Irmãos  Rua Christovão Colombo n. 61

Ao Popular

de

Alfredo Signoretti

Neste bem sortido Deposito de Moveis, encontra-se sempre mobílias para sala, quarto e varanda, estylos arte-nova e a preços de pasmar. Mantendo Fabrica propria, executa qualquer encomenda em curto praso.

Rua Vigarão José Ignacio n. 41
(antiga Rosario)

Restaurant Cachoeirense

de

Bento Pereira Soares

Nesta modesta casa auxiliada por bom mestre de Hotel, fornece-se comidas para fóra, aceitando-se pensionistas. Prepara-se qualquer prato a la minuta, como tambem frios.

GARANTE-SE ASSEIO — Preços sem competencia
Alugam-se commodos

Rua Conde de Porto Alegre — Cachoeira.

Alfaiataria

de

Candido A. de Lima

Completo sortimento de finas cazemiras francezas, inglezas e italianas, assim como brins e cazemiras nacionaes.

Preços sem competencia e corte dos ultimos figurinos. Elegancia e confecção garantidas.

Rua Riachuelo 333

TERTULIANO G. BORGES

Grande fabrica de fumos, cigarros, café, caramellos, licores, vinho de fructas, typo Porto e outros, vinagres tintos e brancos.

Deposito permanente de artigos para fumantes, taes como: Isqueiros, Isca, Pedras de variados feitios, Piteiras, Bolsas de borracha e Cachimbos -- os mais originaes.

Assucar, alcool, aguardente, folha de Flandres e fumos Chinez, Sumatra, Havana e Borneo, por atacado.

Deposito do afamado fumo em corda marca — SOLITO — e sem rival fumo Riograndense.

Matriz e Fabricas: Rua Voluntarios da Patria ns. 191 e 191A e Rua Dr. Barros Cassal n. 70 — Porto Alegre
Filiaes em Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Caxias e Bagé.

Representantes em todas as Praças do Estado e nas principaes do paiz

Não façam negocios, sem consultarem os seus preços e excepçionaes condições de venda.

End. telegr.: Tertuliano. - Codigos: Ribeiro e Particulares. - Caixa Postal, 210 - Porto Alegre.



SALVOL



regenera o ORGANISMO, produzindo sangue puro e novo